

# APLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DA AUTOETNOGRAFIA NO ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS

EPISTEMOLOGICAL APPLICATIONS OF AUTOETHNOGRAPHY IN ENGLISH TEACHING FOR SPECIFIC PURPOSES

Jonatha de Almeida ALBERTO  
[jonatha.alberto@fatec.sp.gov.br](mailto:jonatha.alberto@fatec.sp.gov.br)  
UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil

**Resumo:** O presente trabalho surge do encontro do autor com eixos teóricos que englobam simultaneamente, educação linguística, decolonialidade e sustentabilidade. As experiências tidas, tanto pessoais quanto profissionais como professor de ensino superior levaram o autor a um inquietante estado de reflexão que reverberou em práticas didáticas outras. A partir de um olhar crítico, o autor analisa sua experiência docente, destacando como práticas pedagógicas fundamentadas em um locus de enunciação reflexivo podem desafiar epistemologias coloniais e promover aprendizagens significativas. A pesquisa debruça-se sobre tais práticas que repensam os elementos envolvidos no ensino/aprendizagem do inglês para fins específicos (IFE) quando revisados por um olhar crítico, decolonial e voltado para a sustentabilidade. Com base em diários de campo e revisão bibliográfica, o estudo aponta que a autoetnografia permite uma análise transformadora do “fazer docente” ao integrar elementos empíricos e teóricos, demonstrando que a prática pedagógica, inspirada em valores decoloniais e sustentáveis, pode efetivamente reconfigurar a educação linguística. Portanto, nesse processo, a autoetnografia apresenta-se como condição sine qua non para realização de uma observação crítica do papel do professor de inglês como língua estrangeira (LE) para fins específicos.

**Palavras-chave:** Autoetnografia; Educação linguística; Sustentabilidade; Ensino de inglês; Decolonialidade.

**Abstract:** This work arises from the author's encounter with theoretical frameworks that simultaneously encompass linguistic education, decoloniality, and sustainability. The experiences—both personal and professional as a higher education teacher—led the author to a thought-provoking state of reflection that resonated in other teaching practices. From a critical perspective, the author analyzes his teaching experience, highlighting how pedagogical practices based on a reflective enunciation locus can challenge colonial epistemologies and promote meaningful learning. The research focuses on these practices that rethink the elements involved in teaching and learning English for specific purposes (ESP) when viewed through a critical, decolonial, and sustainability-oriented lens. Based on academic papers and bibliographic review, the study shows that autoethnography allows for a transformative analysis of the “teaching practice” by integrating empirical and theoretical elements, demonstrating that pedagogical practice inspired by decolonial and sustainable values can effectively reconfigure language education. Therefore, in this process, autoethnography is presented as an essential condition for critically observing the role of the English as a Foreign Language (EFL) teacher for specific purposes.

**Keywords:** Autoethnography; Linguistic education; Sustainability; English teaching; Decoloniality.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo parte da compreensão de que o ensino de línguas transcende técnicas e metodologias tradicionais, envolvendo elementos subjetivos e empíricos que refletem as vivências do docente. No contexto do ensino de inglês para fins específicos (*English for Specific Purposes - ESP*), onde as necessidades dos aprendizes variam de acordo com seus objetivos profissionais, acadêmicos ou pessoais, o papel do professor assume uma dimensão ainda mais complexa. A autoetnografia, ao permitir que o professor articule suas experiências pessoais com fundamentos teóricos e metodológicos acadêmicos, emerge como uma ferramenta potente para inspirar e motivar aprendizes, proporcionando uma formação que equilibra objetividade e subjetividade.

A relevância do tema reside no fato de que o ensino de inglês para fins específicos demanda estratégias que vão além da simples transmissão de conteúdos técnicos ou linguísticos. É necessário integrar aspectos culturais, afetivos e epistemológicos, criando práticas pedagógicas que sejam tanto significativas quanto aplicáveis aos contextos dos aprendizes. Este trabalho busca explorar como as experiências pessoais do docente podem ser sistematizadas de maneira acadêmica para gerar engajamento, promovendo uma abordagem pedagógica mais humana, inspiradora e adaptada às realidades específicas de cada grupo de aprendizes.

A questão-problema que norteia este estudo é: **De que forma a autoetnografia pode ser utilizada como ferramenta epistemológica no ensino de inglês para fins específicos, motivando e engajando aprendizes ao articular vivências pessoais do docente e bases metodológicas acadêmicas?**

Partindo dessa questão, formulam-se as seguintes hipóteses:

1. A utilização da autoetnografia fortalece o vínculo afetivo e empático entre docente e aprendizes, criando um ambiente mais receptivo e engajador.
2. O exemplo prático e vivencial do professor complementa e enriquece as abordagens metodológicas tradicionais, adaptando-se melhor às necessidades dos aprendizes no contexto do ESP.
3. A combinação equilibrada entre subjetividade (experiências pessoais) e objetividade (fundamentos acadêmicos) resulta em um ensino mais humanizado, eficaz e centrado nos aprendizes.

Com base no exposto, o objetivo geral deste estudo é investigar as aplicações epistemológicas da autoetnografia no ensino de inglês para fins específicos, compreendendo seu papel na construção de uma prática pedagógica inspiradora e motivadora.

Os objetivos específicos incluem:

- Analisar a relevância das experiências pessoais e profissionais do professor como ferramentas pedagógicas no ensino de inglês para fins específicos.
- Identificar os impactos da aplicação da autoetnografia no engajamento e na motivação dos aprendizes em contextos de ESP.

- Sistematizar práticas autoetnográficas com embasamento acadêmico para sua aplicação efetiva no ensino de línguas com finalidades específicas.

A metodologia adotada neste estudo combina abordagem qualitativa e exploratória, estruturada em processos de revisão bibliográfica, autoetnografia e análise sistemática de dados. Inicialmente, realizou-se uma revisão de literatura especializada, envolvendo artigos científicos, livros e dissertações publicadas nas últimas duas décadas. O objetivo foi mapear fundamentos teóricos sobre autoetnografia, ensino de inglês para fins específicos (ESP) e epistemologias educacionais voltadas para práticas reflexivas. Foram selecionados textos de bases acadêmicas reconhecidas, como *Scopus*, *Web of Science* e *Google Scholar*, priorizando fontes que articulassem subjetividade docente e ensino crítico.

Na segunda etapa, utilizou-se a autoetnografia como principal ferramenta metodológica para refletir sobre experiências do pesquisador enquanto docente de inglês para fins específicos. Narrativas pessoais, conectando vivências de ensino com teorias pedagógicas, foram registradas em um diário de campo. Este diário incluiu relatos detalhados de práticas em sala de aula, desafios enfrentados, estratégias adotadas e respostas observadas nos aprendizes. A análise das vivências buscou estabelecer conexões entre práticas docentes e engajamento estudantil, considerando a especificidade do contexto do ESP, onde a linguagem é aprendida com finalidades específicas e aplicações concretas.

A terceira etapa consistiu na sistematização e análise dos dados obtidos. Para isso, os registros foram organizados em duas categorias principais: a relação entre subjetividade e prática pedagógica e os impactos da autoetnografia no ensino de ESP. A análise utilizou triangulação metodológica, cruzando as narrativas pessoais com os referenciais teóricos e, relatos de outros docentes que empregaram estratégias similares. Essa triangulação buscou conferir maior consistência às conclusões e validar os efeitos observados nas práticas analisadas.

Por fim, com base nas reflexões e análises realizadas, foram desenvolvidas diretrizes práticas que integram a autoetnografia como ferramenta pedagógica para o ensino de inglês. Essas diretrizes visam oferecer subsídios teóricos e operacionais para professores, promovendo uma abordagem humanizada, reflexiva e epistemologicamente fundamentada. Essa metodologia, ao explorar o potencial da autoetnografia, possibilita compreender de forma ampla como a integração entre subjetividade docente e rigor acadêmico pode transformar o ensino de inglês para fins específicos, gerando impactos positivos no engajamento e na aprendizagem dos estudantes.

Os resultados indicam que o uso da autoetnografia no ensino de inglês para fins específicos potencializa o aprendizado ao estabelecer conexões autênticas entre o professor e os aprendizes. A sistematização das vivências do docente permite que ele demonstre, na prática, como o uso da língua

inglesa pode ser aplicado em contextos específicos, como negócios, medicina, tecnologia ou turismo, promovendo uma aprendizagem personalizada e significativa.

Além disso, o estudo revela que a integração entre as experiências subjetivas do professor e as metodologias acadêmicas tradicionais fortalece a prática pedagógica, gerando maior engajamento dos aprendizes. Essa abordagem permite ao docente atuar não apenas como transmissor de conhecimento, mas também como mediador e inspirador, apresentando exemplos práticos que ilustram a aplicabilidade da língua no mundo real.

Outro ponto destacado é que a autoetnografia, ao ser utilizada de maneira epistemologicamente fundamentada, promove uma pedagogia decolonial ao valorizar as histórias e vivências locais do professor e dos aprendizes. Isso contribui para um ensino mais inclusivo e respeitoso às diversidades culturais e linguísticas presentes no contexto brasileiro.

Conclui-se que a autoetnografia, ao ser aplicada de forma epistemologicamente consciente, representa uma estratégia inovadora no ensino de inglês para fins específicos. Ela oferece ao docente ferramentas para explorar e compartilhar suas experiências de maneira sistematizada, criando um ambiente de ensino mais humanizado, engajador e adaptado às necessidades dos aprendizes. Assim, a autoetnografia não apenas amplia as possibilidades metodológicas do ensino de línguas, mas também transforma a estratégia didática em uma experiência significativa tanto para o professor quanto para os aprendizes.

A citação atribuída a Confúcio, "Palavra convence, exemplo arrasta", sintetiza a importância do equilíbrio entre o discurso e a prática no ensino. Essa máxima destaca que, enquanto as palavras têm o poder de transmitir ideias e persuadir, é o exemplo concreto que verdadeiramente inspira e mobiliza as pessoas à ação. No contexto pedagógico, especialmente no ensino de inglês para fins específicos, essa reflexão ganha um significado especial, pois o papel do docente vai além de ensinar conceitos linguísticos: ele também deve ser um modelo que conecta teoria e prática, demonstrando, por meio de sua vivência, como o conhecimento se aplica ao mundo real.

Ao articular palavras com exemplos em sua prática docente, o professor torna-se um agente de transformação, capaz de engajar os aprendizes de forma autêntica e significativa. Essa citação fundamenta o cerne deste estudo, que propõe a autoetnografia como uma abordagem pedagógica que não apenas comunica conteúdos acadêmicos, mas também utiliza a experiência pessoal do docente como fonte de inspiração e motivação. Assim, a máxima confuciana reflete o ideal de um ensino que equilibra o poder das palavras com a força dos exemplos, gerando um impacto mais profundo e duradouro nos aprendizes.

## EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA E DECOLONIALIDADE: PERSPECTIVAS CRÍTICAS NO ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS

### Introdução à Educação Linguística no Contexto Atual

A educação linguística tem sido tradicionalmente pautada por abordagens eurocentradas que priorizam a padronização da língua e ignoram as especificidades culturais e sociais dos aprendizes. No entanto, contextos contemporâneos exigem práticas pedagógicas que reconheçam a pluralidade de experiências e deem voz às realidades locais. No ensino de inglês para fins específicos (IFE), tal perspectiva torna-se ainda mais relevante, dado o caráter funcional dessa modalidade, que muitas vezes reflete as dinâmicas de poder e dominação global. Assim, é fundamental pensar criticamente as práticas pedagógicas a partir de uma perspectiva decolonial, que questione as hierarquias linguísticas e promova a valorização de diferentes epistemologias.

### Educação Linguística e Sustentabilidade

O conceito de sustentabilidade, embora geralmente associado ao meio ambiente, aplica-se também à educação linguística, propondo práticas que respeitem e integrem o contexto socioeconômico e cultural dos aprendizes. Segundo Freire (1999) e Krenak (2019), uma educação sustentável é aquela que preserva a diversidade de experiências e saberes, promovendo a emancipação dos sujeitos e a transformação social. No IFE, a sustentabilidade implica a elaboração de práticas pedagógicas que atendam às necessidades específicas dos aprendizes, sem reproduzir discursos homogeneizadores que marginalizem culturas e conhecimentos locais.

### A Perspectiva Decolonial no Ensino de Línguas

Os estudos decoloniais, como proposto por Quijano (2000, 2007) e Mignolo (2011, 2020), fornecem uma base teórica para repensar o ensino de línguas. A colonialidade, enquanto estrutura que perpetua formas de dominação epistemológica, reflete-se na predominância do inglês como língua franca e em práticas pedagógicas que negligenciam a identidade cultural dos aprendizes. A decolonialidade, nesse contexto, propõe uma ruptura com essa lógica, promovendo um ensino de inglês que não apenas reconheça, mas também valorize os saberes locais, rompendo com o paradigma eurocêntrico.

### Ensino de Inglês para Fins Específicos: Entre a Função e a Crítica

O IFE tem como característica central o foco nas necessidades dos aprendizes em contextos específicos, como acadêmico, profissional ou técnico (Anthony, 1997; Hutchinson & Waters, 1987). No entanto, essa abordagem é frequentemente limitada por uma visão instrumental da língua, que negligencia a dimensão crítica do ensino. Autores como Benesch (2001) e Belcher (2009) apontam para a necessidade de incorporar reflexões críticas e contextuais ao IFE, de forma a alinhar suas práticas a uma pedagogia transformadora.

## **Conexão entre Autoetnografia, Decolonialidade e Sustentabilidade**

A autoetnografia, conforme discutido por Ellis e Bochner (2000) e Ono (2018), emerge como uma metodologia potente para explorar as intersecções entre prática docente, decolonialidade e sustentabilidade. Ao permitir que o pesquisador investigue suas próprias experiências e situe seu locus de enunciação (Menezes de Souza & Hashiguti, 2022), a autoetnografia facilita a crítica de práticas pedagógicas a partir de uma perspectiva situada e reflexiva. No IFE, essa abordagem possibilita uma reinterpretação das práticas de ensino que contemplem tanto as necessidades dos aprendizes quanto os contextos socioculturais em que estão inseridos.

Mediante a soma dessas informações, vislumbram-se as bases teóricas para uma análise crítica do ensino/aprendizagem de inglês para fins específicos, considerando os aportes da educação linguística, sustentabilidade e decolonialidade. Ao introduzir a autoetnografia como metodologia central, propõe-se uma abordagem que valorize a subjetividade do docente e a diversidade epistemológica, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e críticas. Nos capítulos seguintes, serão aprofundadas as práticas de ensino aplicadas e os registros empíricos coletados, de forma a ilustrar como esses conceitos se materializam no contexto da sala de aula.

## **AUTOETNOGRAFIA COMO METODOLOGIA PARA O ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS**

### **O que é Autoetnografia?**

A autoetnografia, segundo Ellis e Bochner (2000) e Santos (2017), é uma abordagem metodológica qualitativa que conecta o pessoal ao cultural, permitindo que o pesquisador utilize suas experiências individuais como ponto de partida para a análise de questões mais amplas. Ao entrelaçar vivências pessoais com referenciais teóricos, a autoetnografia oferece um caminho para uma pesquisa reflexiva, crítica e situada. No contexto do IFE, a autoetnografia permite ao professor examinar suas práticas pedagógicas, situá-las em um contexto sociopolítico mais amplo e identificar possibilidades de transformação.

### **Autoetnografia e o Locus de Enunciação**

O conceito de locus de enunciação, apresentado por Menezes de Souza e Hashiguti (2022), é essencial para compreender a autoetnografia como metodologia. O locus não é apenas o lugar físico de onde o professor ou pesquisador fala, mas também a sua posição social, histórica e cultural. Reconhecer esse locus no ensino de IFE é fundamental para desafiar as normas eurocentradas que frequentemente dominam a prática pedagógica. A autoetnografia, nesse sentido, permite que o professor reflita sobre como sua identidade e experiência informam e transformam suas práticas.

Perpassando minha trajetória enquanto docente, de forma bastante sintetizada, pude perceber que por várias vezes o distanciamento entre os alunos e a disciplina ocorria por variados fatores, sendo a maioria deles de natureza sócio-emocional dos discentes. Via em minhas turmas, muito do que podia observar no meu próprio processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa. A aproximação das matérias abordadas, e conseqüente, objeto de estudo se deu a partir da contextualização, em outras palavras, passei a trazer para as turmas que ministrava aula, textos orais e escritos que faziam parte da rotina deles sempre acentuando aspectos linguísticos significativos para a aprendizagem em tópicos que reunia a proposta pedagógica com a língua estrangeira alvo. Foi, a partir da associação com elementos que fazem parte do universo dos alunos que pude trabalhar efetivamente com os tópicos de modo crítico e didático.

Foi a partir do momento que me vi inserido no âmbito do ensino superior enquanto docente, que me emergiu a necessidade de um olhar mais apurado à visão que meu alunado tinha sobre a língua estrangeira; uma vez que a necessidade profissional seria de extrema urgência em uma visão instrumentalista da L2. Pensando, portanto, na formação de cada um deles, que lancei-me à uma busca tanto de auxiliá-los no processo de instrução da língua inglesa quanto de prosseguir em meus estudos acadêmicos que ficaram por um tempo estagnados, desde que havia concluído meu mestrado acadêmico. Com o início das aulas de inglês dentro de um eixo tecnológico em uma instituição de ensino superior, é que me fez retomar o contato com questões metodológicas de ensino-aprendizagem, me fez querer ingressar em um curso de doutorado e trabalhar *a posteriori* com questões até então desconhecidas por mim, tais como os temas desse trabalho (autoetnografia, sustentabilidade e educação linguística, decolonialidade, etc).

Foram a partir das disciplinas que eu cursei em meu curso de doutorado em Linguística Aplicada que eu conheci a teoria, ou melhor, as teorias decoloniais. Durante a graduação e o mestrado não havia trabalhado com essa questão da decolonialidade e muito menos em relação a ela dentro do campo do ensino de línguas; o que eu achei de extrema valia para o momento em que me encontrava. O contato com autores como Mignolo, Quijano, Grosfoguel, Spivak, Fanon, Walsh, dentre outros, fizeram com que eu expandisse bastante os meus conhecimentos tanto do meu ponto de vista teórico, quanto do ponto de vista empírico da minha prática em sala de aula.

Eu gostei e me identifiquei com essas epistemologias. É algo que eu tenho refletido bastante e tentado ao máximo colocar em prática, como por exemplo, a minha proposição enquanto professor frente a uma sala de aula, ocupando um espaço/papel social à frente de uma turma ensinando a língua inglesa (carregada de traços coloniais).

Relato aqui, dentre as experiências vividas, uma visão descentralizada de métodos tradicionais de ensino de língua inglesa (Almeida Filho, 1993), optando por combinar elementos culturalmente acessíveis aos aprendizes e levando em consideração a aprendizagem da língua

inglesa para fins específicos. Embora não tenha tido em mim mesmo passado por um processo de aprendizagem instrumentalizada do inglês, vivenciei em anos de curso uma aprendizagem satisfatória a qual busco dia após dia passar para os alunos tal como eu aprendi, mas sempre considerando aspectos crítico-culturais de diversidade, tecnologia e, mais recentemente, de sustentabilidade.

### **Aplicação da Autoetnografia na Pesquisa Docente**

A aplicação da autoetnografia no ensino de IFE implica a utilização de ferramentas como registros reflexivos, diários de campo e relatos narrativos, que documentam o processo de ensino-aprendizagem. Esses instrumentos permitem não apenas o registro das experiências docentes, mas também a análise crítica de elementos pedagógicos, como a elaboração de materiais didáticos e as interações com os aprendizes. No presente estudo, os diários de campo foram utilizados ao longo de processos de planejamento, aplicação e revisão de conteúdos digitais, fornecendo dados que possibilitam uma compreensão aprofundada da prática docente.

### **A Autoetnografia como Ferramenta Crítica**

Como argumentam Ono (2018) e Santos (2017), a autoetnografia não é apenas uma metodologia de observação, mas uma prática crítica que desafia as fronteiras entre o pessoal e o acadêmico. No ensino de inglês para fins específicos, essa abordagem permite ao professor questionar práticas pedagógicas que perpetuam desigualdades epistemológicas e buscar formas de promover uma educação linguística mais inclusiva e transformadora. A partir de uma perspectiva decolonial, a autoetnografia também se configura como um ato político, ao visibilizar vozes e experiências marginalizadas no campo educacional.

### **Conexões com a Sustentabilidade no Ensino de Inglês**

A utilização da autoetnografia para repensar práticas pedagógicas no IFE encontra eco nas discussões sobre sustentabilidade na educação. Segundo Krenak (2019) e Freire (1999), uma educação sustentável é aquela que respeita a diversidade cultural e epistemológica, promovendo práticas pedagógicas que valorizem os saberes locais e que estejam alinhadas às necessidades do presente sem comprometer o futuro. A autoetnografia, ao colocar em evidência a subjetividade do docente e o contexto em que está inserido, contribui para a construção de uma pedagogia sustentável.

Ao conectar experiências pessoais do docente a um contexto mais amplo, a autoetnografia desafia paradigmas tradicionais e promove uma abordagem pedagógica situada e decolonial. No próximo capítulo, serão apresentados os dados empíricos coletados e analisados a partir dessa perspectiva metodológica, destacando como as práticas docentes podem ser ressignificadas no contexto do IFE.

## **ANÁLISE DOS DADOS E REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE**

## Introdução à Análise dos Dados

A análise dos dados desta pesquisa foi conduzida a partir dos registros reflexivos em diários de campo elaborados durante o planejamento e execução de aulas de inglês para fins específicos (IFE). Com base na metodologia autoetnográfica, buscou-se identificar como as práticas pedagógicas do pesquisador refletem e desafiam paradigmas estabelecidos no ensino de línguas. A análise foi guiada pelos pressupostos teóricos decoloniais (Walsh, 2007; Kumaravadivelu, 2016) e sustentáveis (Freire, 1999; Krenak, 2019), tendo como objetivo não apenas compreender, mas também transformar essas práticas.

## Exemplos de Práticas Docentes Desenvolvidas em Sala de Aula

Ao longo do ano foram desenvolvidas atividades que englobassem tópicos de língua inglesa, já pré-estabelecidos nas ementas das disciplinas ministradas por mim na instituição de ensino superior a qual me vinculo, com epistemologias decoloniais e de sustentabilidade visando uma educação linguística crítica, inclusiva e plural no sentido da diversidade do mundo. O quadro a seguir coloca de maneira objetiva uma correlação dos assuntos com as matérias a qual se relacionam e a prática desenvolvida em sala de aula, que se manteve, em sua maioria interdisciplinar e, por vezes, heteróclita, se considerado o ensino/aprendizagem de inglês para fins específicos tal como é feito tradicionalmente.

Quadro 1: Síntese de algumas atividades práticas desenvolvidas por disciplina

Disciplina /Semestre (Sigla):	Conteúdos previsto pela ementa/objetivos:	Prática pedagógica realizada:
Inglês I (ING013)	Apresentar-se e fornecer informações pessoais e corporativas.	Através de um role-play os alunos foram organizados em pequenos grupos, os quais oralmente, deveriam se apresentar utilizando-se de perfis profissionais sorteados em sala, contendo diferentes nomes, localidades e profissões (ex: Environmental engineer in Kuala Lumpur - Malasya; Software developer in Cape Town - South Africa; Renewable energy specialist in Singapore; etc).
Inglês II (ING014)	Descrever áreas de atuação de empresas.	Leitura e produção textual a partir do gênero "Company profile", o qual os alunos liam um perfil de apresentação de uma empresa de gás natural da Índia e criavam um texto semelhante sobre o perfil de uma firma fictícia (criada por eles próprios).
Inglês III (ING015)	Fazer uso de estratégias de leitura e compreensão oral para identificar os pontos principais de textos orais e escritos da sua área de atuação.	A convite do docente, os alunos participaram de uma palestra online com Etieno S. Essien, agrônomo nigeriano especialista em biosegurança e consultor em inovação na área de agronegócio, utilizando-se para a comunicação com os estudantes da língua-alvo, em um bate-papo descontraído e culturalmente enriquecedor.
Inglês IV (ING016)	Desenvolver a entoação e o uso dos diferentes fonemas da língua.	Elaboração de um debate (conduzido em língua inglesa) em sala de aula com os alunos divididos em dois grupos para que expusessem oralmente pontos positivos e negativos da informatização e degradação ambiental vivenciados no mundo globalizado. Inclusive tal atividade foi utilizada como um dos métodos de avaliação da disciplina Inglês IV.
Inglês V (ING017)	Participar de conversas espontâneas, fazendo uso da língua com inteligibilidade; fornecer justificativas.	Por meio de um <i>problem-solving task</i> : os discentes eram impelidos a discutirem em equipes possíveis soluções para a questão do uso de inteligência artificial de maneira sustentável por empresas da área de publicidade e propaganda.
Inglês VI (ING018)	Levar o aluno a ter conhecimento da estrutura da Língua Inglesa para que ele possa fazer uso da mesma na comunicação escrita e verbal de modo organizado e culto.	Estudo de caráter expositivo sobre a redação de um e-mail formal em Língua Inglesa, para filiais de multinacionais localizadas na América Latina, sobre aplicações da logística verde ( <i>green logistics</i> ) para reduzir as emissões de carbono, em um estudo sistematizado de casos reais levados pelo docente a turma.

Fonte: O autor

Por intermédio das vivências listadas anteriormente, foi possível trabalhar com os alunos exemplos concretos e bastante práticos do âmbito profissional de formação, incluindo práticas inovadoras e atuais. Os alunos passaram a ter conhecimento de culturas que saem um pouco do tradicionalismo norte-americano e eurocêntrico (que costumam embasar modelos comumente encontrados em materiais didáticos), para algo mais externalista e global. Saímos, portanto, de um cânone colonialista para uma pluralidade cultural que enfrenta dia-após-dia problemas reais, produtos da globalização, em uma postura crítica de trabalho com a língua estrangeira; considerando também pontos de familiarização do aprendiz com os tópicos abordados.

### **Organização dos Dados**

Os dados foram organizados em três categorias principais, emergentes a partir da análise de conteúdo (Bardin, 2011) e da análise temática (Braun & Clarke, 2006):

1. **Construção de Materiais Didáticos:** Reflexões sobre a elaboração de conteúdos alinhados a uma perspectiva decolonial e sustentável.
2. **Dinâmica de Sala de Aula:** Observações sobre as interações entre professor e aprendizes, com foco em práticas colaborativas e críticas.
3. **Impactos da Reflexividade no Ensino:** Análise de como a autoetnografia transformou as percepções e práticas do pesquisador enquanto docente.

### **Construção de Materiais Didáticos**

Os registros revelaram uma preocupação crescente em integrar conteúdos que rompem com a hegemonia cultural anglocêntrica predominante nos materiais didáticos tradicionais. Inspirado por autores como Hashiguti (2016) e Rocha (2019), os materiais desenvolvidos buscaram promover discussões sobre diversidade cultural, sustentabilidade e justiça social. Um exemplo foi a criação de atividades que abordavam contextos globais a partir de perspectivas locais, valorizando as experiências dos aprendizes como parte central do processo de ensino-aprendizagem.

### **Dinâmica de Sala de Aula**

As observações indicaram uma evolução nas interações com os aprendizes, marcada pela incorporação de práticas mais dialogadas e participativas. Seguindo os princípios de Freire (1999) e Hooks (2020), as aulas passaram a priorizar a escuta ativa e a construção conjunta de significados. Em uma das aulas analisadas, por exemplo, um exercício de escrita sobre sustentabilidade gerou um debate rico, no qual os aprendizes conectaram o tema às suas realidades locais, demonstrando o impacto de uma abordagem situada e crítica.

### **Impactos da Reflexividade no Ensino**

A prática reflexiva proporcionada pela autoetnografia permitiu ao pesquisador identificar e questionar hábitos consolidados em sua prática docente. Uma das reflexões mais significativas foi o reconhecimento de como as próprias escolhas pedagógicas estavam, por vezes, alinhadas a paradigmas coloniais. Esse processo levou à adoção de estratégias mais inclusivas, como a

diversificação de vozes nos materiais utilizados e a abertura para cocriação de conteúdos com os aprendizes.

### Resultados e Impactos Observados

A análise dos dados aponta que a integração da autoetnografia como prática reflexiva contribuiu para:

- **Maior engajamento dos aprendizes**, que passaram a se reconhecer nos materiais e dinâmicas propostas;
- **Transformação da prática docente**, com maior alinhamento aos princípios decoloniais e sustentáveis;
- **Desenvolvimento de uma pedagogia mais inclusiva e crítica**, que valoriza a pluralidade de vozes e experiências na sala de aula.

Este capítulo demonstrou como a autoetnografia, aliada a referenciais teóricos robustos, pode servir como ferramenta para transformar a prática docente no ensino de inglês para fins específicos. No capítulo final, serão apresentadas as conclusões gerais do estudo, bem como as implicações para a formação docente e a pesquisa em educação linguística.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título deste estudo, inspirado na máxima atribuída a Confúcio, sintetiza a essência da pesquisa: a ideia de que a prática docente não apenas instrui, mas também inspira, por meio do exemplo que reflete valores, conhecimentos e experiências. No contexto do ensino de inglês para fins específicos (IFE), essa máxima adquire um significado epistemológico profundo, pois reforça que a prática pedagógica deve ir além das palavras e das teorias para se tornar uma vivência compartilhada que arrasta — transforma e mobiliza aprendizes e educadores em direção a novas formas de pensar e agir no mundo.

No âmbito da autoetnografia, o exemplo do professor, enquanto sujeito reflexivo e agente crítico de sua prática, emerge como um elemento central na construção de saberes. Essa prática não é apenas um ato técnico, mas um exercício ético e político que une subjetividade e objetividade. Assim, o título simboliza como as palavras de Confúcio encontram eco na proposta decolonial, na qual o locus de enunciação e as experiências vividas tornam-se epistemicamente significativas.

Os resultados deste estudo indicam que a autoetnografia, aplicada ao ensino/aprendizagem de inglês para fins específicos, pode:

- Reorientar práticas pedagógicas para torná-las mais inclusivas, críticas e sustentáveis, desafiando paradigmas eurocêntricos e coloniais presentes no ensino de línguas;
- Inspirar aprendizes a enxergarem o aprendizado do idioma não apenas como uma ferramenta utilitária, mas como um espaço para reflexão sobre questões sociais e culturais mais amplas;
- Fortalecer o papel do professor como agente transformador, cujas práticas refletem e promovem valores decoloniais, como justiça social e respeito à diversidade.

Ao refletir sobre o fazer docente, são identificadas transformações significativas, como a elaboração de materiais didáticos que valorizam contextos locais e globais, a promoção de interações dialógicas em sala de aula e a adoção de estratégias reflexivas que questionam o status quo no ensino de línguas.

Com isso, reforça-se a necessidade de uma formação docente que privilegie a reflexividade e a crítica. Professores de inglês para fins específicos devem ser capacitados não apenas para ensinar conteúdos técnicos, mas também para atuar como mediadores culturais e agentes de mudança. Nesse sentido, a autoetnografia se apresenta como uma metodologia poderosa para promover essa formação crítica, ao mesmo tempo em que conecta vivências pessoais a reflexões teóricas mais amplas.

Embora tenha alcançado seus objetivos, este estudo reconhece limitações, como a subjetividade inerente ao método autoetnográfico e a dificuldade de generalizar seus achados. Sugere-se que futuras pesquisas combinem a autoetnografia com outros métodos, como entrevistas ou grupos focais, para ampliar a compreensão das práticas docentes e suas implicações no ensino de inglês para fins específicos.

O exemplo dado pelo professor, ao unir subjetividade e objetividade, motiva aprendizes e desafia estruturas hegemônicas. Assim como Confúcio sugeriu, o verdadeiro poder está no exemplo que arrasta, na prática que transforma e no conhecimento que conecta teoria e experiência.

Por meio da autoetnografia, o ensino de inglês para fins específicos pode se tornar um espaço não apenas de aprendizado linguístico, mas de formação humana, ética e crítica. Essa perspectiva oferece uma contribuição significativa para os estudos de educação linguística, demonstrando que o ato de ensinar é, acima de tudo, um exercício de inspiração e transformação mútuas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 1993.
- ANTHONY, L. **Defining English for specific purposes and the role of the ESP practitioner**. *Center for Language Research 1997 Annual Review*, p. 115-120, 1997.
- AUERBACH, E. R. **Reexamining English Only in the ESL Classroom**. *TESOL Quarterly*, v. 27, n. 1, p. 9-32, 1993.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BELCHER, D. **English for Specific Purposes in Theory and Practice**. Ann Arbor, M.I.; University of Michigan Press, 2009. 308 p.
- BENESCH, S. **Critical English for Academic Purposes: Theory, Politics, and Practice**. Lawrence Erlbaum Associates, 2001.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. **Using thematic analysis in psychology**. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101, 2006.
- BROWNING, P.; HIGHET, K.; AZADA-PALACIOS, R.; DOUEK, T.; GONG, E. Y.; SUNYOL, A. **Conspiring to decolonise language teaching and learning: reflections and reactions from a reading group**. *London Review of Education*, v. 20, n. 1, p. 42, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14324/LRE.20.1.42>. Acesso em: 13 abr. 2025.

- DÁVILA, X. P.; MATURANA, H. Educação Biocêntrica: Uma Perspectiva para a Vida Sustentável. Santiago: Editorial Catalonia, 2004.
- ELLIS, C.; ADAMS, T. E.; BOCHNER, A. P. Autoethnography: An overview. *Forum: Qualitative Social Research*, 12(1), 2011.
- ELLIS, C.; BOCHNER, A. Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Handbook of Qualitative Research*. 2. ed. Sage, 2000, p. 733-768.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*. 2nd ed. New York: Routledge, 2013.
- FATEC BB. Matriz Curricular do Curso de Big Data no Agronegócio. Disponível em: <<https://fatecbb.edu.br/fatecbb/public/curso/e/big-data-no-agronegocio/2#Semestre>>. Acesso em: 4 jun. 2025.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GROSFÓGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n.1, p. 25-49, 2016.
- HASHIGUTI, S. T. Uma questão de gêneros: masculino e feminino em livros didáticos de língua inglesa como língua estrangeira. In: CORACINI, M. J.; CAVALLARI, J. S. (Orgs.). (Des)Construindo verdade(s) no/pelo material didático: discurso, identidade, ensino. Campinas: Pontes, 2016, v. 1, p. 137-154.
- HASHIGUTI, S. T. Podemos falar inglês? Reflexões sobre o inglês não falado no Brasil. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 56, n. 1, p. 237-265, abr. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318135150200431>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- KRENAK, A. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KUMARAVADIVELU, B. The Decolonial Option in English Teaching: Can the Subaltern Act? *TESOL Quarterly*, v. 50, n. 1, p. 66-85, 2016.
- MIGNOLO, W. *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. Durham: Duke University Press, 2020.
- ROCHA, Cláudia Hilsdorf. Educação linguística na liquidez da sociedade do cansaço: o potencial decolonial da perspectiva translíngue. *DELTA*, v. 35, n. 4, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460X2019350403>. Acesso em: 08 jan. 2024.
- SANTOS, Antonio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- SANTOS, S. M. A. Autoetnografia como estratégia de pesquisa. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, n. 68, p. 701-725, 2017.
- TOZONI-REIS, M. F. de C. *Metodologia da Pesquisa*. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.
- WALSH, Catherine. *Decolonial Pedagogies Walking and Asking*. In: *Decolonizing Knowledge and Power*. Routledge, 2013.